

Tradução

Está na hora das mulheres darem uma nova cara ao amor

Juliana Oliva

Doutora em Filosofia pela UNIFESP
julie.julianaoliva@gmail.com

Rafaela Ferreira Marques

Doutoranda em Filosofia pela UFSCar
CAPES
rmarquesbhz@yahoo.com.br

A versão do artigo aqui publicada, com a autorização de Sylvie Le Bon de Beauvoir e de Margaret A. Simons, é uma tradução do texto original, publicado em inglês na coletânea *Simone de Beauvoir: Feminist Writings*¹. Mantivemos as notas de Marybeth Timmermann que acompanham a publicação.

Simone de Beauvoir²

Está na hora das mulheres darem uma nova cara ao amor. Elas estão se tornando ao mesmo tempo independentes e responsáveis, construtoras ativas do mundo; mas essa metamorfose ainda causa insatisfação. Milhares de profetas resmungam que elas levarão o amor à ruína e junto com ele, a poesia, a ilusão e a felicidade. Até agora, nossa civilização nunca conheceu um amor que não fosse fundado na desigualdade. Mulheres capazes de uma paixão genuína se ajoelham respeitosamente perante seu mestre, soberano, deus. Essa ideia está tão profundamente arraigada nos corações dos homens que, se uma mulher não cai prostrada aos seus pés, eles temem que eles mesmos possam ser forçados a fazer o papel do escravo ignominioso. O mito da

1 BEAUVOIR, S. *It's about time women put a new face on love*. In: SIMONS, M. A.; TIMMERMANN, M. (ed.). *Simone de Beauvoir: Feminist Writings*. Urbana, Chicago, and Springfield: University of Illinois Press, 2015, pp. 76-79.

2 BEAUVOIR, S. *It's About Time Woman Put a New Face on Love*. *Flair*, 1, 3, April, 1950, pp. 76-77; translator unknown; © Sylvie Le Bon de Beauvoir. Este artigo foi originalmente publicado em inglês, e o texto original em francês não foi encontrado, mas dada a rejeição de Beauvoir ao essencialismo, mudamos o singular "Mulher" para o plural "Mulheres" no título e em certos casos em que Beauvoir se refere a todas as mulheres ou às mulheres em geral para evitarmos conotações essencialistas que a autora não teria intencionado e para manter a consistência ao longo do texto. No final da publicação original deste artigo na revista *Flair*, aparece o seguinte: "Co-líder da vanguarda intelectual da França junto com Sartre, Simone de Beauvoir passou sua juventude em Paris, doutorou-se na Sorbonne. Em 1943 ela deixou a docência para escrever romances, uma peça, ensaios problematizadores que se tornaram um testamento para os existencialistas. Seu livro recente *O segundo sexo*, que explora o papel e o destino das mulheres, será publicado na América neste ano".

paciente Griselda, aquela que concede, foi substituído pelo da fêmea do louva-a-deus, que explora. Os presentes que a primeira derrama sobre ele são um fardo; e a segunda sucede em obter benefício do macho apenas por meio de sua submissão a ele; ambas são parasitas que camuflam, cada qual à sua própria maneira, sua dependência. Não é possível conceber um novo tipo de amor no qual ambos os parceiros sejam iguais – em que não se busque a submissão do outro? Ou na sociedade do futuro somente haverá espaço, como muitos afirmam, para um relacionamento no qual o sexo só acontece em caso de absoluta necessidade?

Parece-me que o papel privilegiado do amor não depende dessa ou daquela estrutura superficial da sociedade. Uma explicação muito mais fundamental pode ser encontrada na ambiguidade da natureza humana. Todo ser humano tem uma dupla natureza. Uma ele compartilha com seus iguais. É aquela que o impulsiona; que olha para o futuro, que define suas ambições, construções, atos. Aquele que corre atrás (*go-getter*), destaca-se do que outros fizeram por meio dos resultados obtidos. Mas cada um de nós possui também outra, uma natureza singular: está lacrada dentro de um envelope que não pertence a mais ninguém, dentro de uma única vida limitada apenas por uma morte irreparável. A humanidade só tem valor quando junta essas duas naturezas. Desprovido de esforço em massa e de ambição, o homem seria nessa terra não mais do que um animal entre outros, um acidente insignificante. A humanidade, enquanto soma desses zeros, seria ela mesmo igual a zero. Se valoriza-se ainda apenas a ambição e um futuro distante, se não se atribuisse nenhum significado ao individual, o valor do homem como um todo seria anulado. Para acreditar na importância do mundo e em seu próprio lugar nele, cada um deve perceber-se em seu trabalho e em sua individualidade, como uma partícula mínima da humanidade e como um ser insubstituível. É o amor dado e o amor recebido que será a ajuda mais poderosa para a realização dessa síntese paradoxal.

Há um amor denunciado por cada época de ser estéril: aquele que congela os amantes numa absorção mútua. Separado daqueles que estão à sua volta, indiferente ao futuro, o par afunda numa solidão egocêntrica e vazia. Diz a lenda, naturalmente, que seu fim é quase sempre a morte. Pois, se um devora o outro, por sua vez eles são devorados pela inércia, pela imobilidade, pelo tédio: eles já estão mortos. A esta emoção, que revela a estupidez dos amantes que fazem da paixão sua existência completa, está oposto o ideal de companheirismo: companheiros unidos pelos objetivos que perseguem juntos; cada um reconhecendo no outro um tipo de liberdade e atividade. Eles fundem suas vontades, somente dispensam o que é individual: tudo é nivelado; suas mortes, como suas vidas, podem ser intercambiadas. Se o sexo como necessidade entra nessa relação de companheirismo entre homem e mulher, ele não altera seu caráter essencialmente impessoal: sem dúvida apenas no ato sexual homem e mulher possuem propriamente um ao outro fisicamente, mas apenas no que é geral. Estimar no indivíduo o que lhe dá sua diferença e ainda colocá-lo em acordo com os direitos universais que são de todos os seres humanos; estar unido com ele por meio de todos os seus impulsos e transições pessoais e ainda ser preenchido pela maravilha do que é único e sem igual em sua natureza: esse é o milagre conquistado pelo amor, sozinho, em sua forma mais elevada.

Homens como Nietzsche, Tolstoy e D.H. Lawrence bem entenderam que um amor verdadeiro e frutífero deveria abarcar simultaneamente a presença física imediata do amado e seus objetivos na vida. Mas apenas para a mulher foi proposto esse ideal, desde que ela não tivesse nenhuma outra proposta; o homem tem apenas que encontrar nela seu reflexo complacente. Acredito que, em um amor igualitário, ela não renunciará a esse belo papel como aliada, mas o homem também desejará assumi-lo. Entende-se que essa reciprocidade seja possível apenas quando os dois compartilham os mesmos objetivos na vida ou conseguem conciliá-los: o amor que descrevemos aqui pressupõe amizade; mas quão mais frutífero ele seria do que uma devoção unilateral. A mulher seria então capaz de confiar no homem – o apoio que ele reclama tão concretamente – e ainda, ela se entregaria a um esforço capaz de colocá-los lado a lado: do contrário, sua docilidade é cega e servil. O homem, ao invés de buscar um tipo de exaltação narcisista em seu par, descobriria no amor um modo de sair de si mesmo, de lidar com problemas além dos seus próprios. Com todas as tolices que tem sido escritas sobre o esplendor de tal generosidade, por que não dar ao homem sua chance de participar de tal devoção, da autonegação que é considerada invejável a muitas mulheres? Deixe cada parceiro pensar no outro e em si simultaneamente: a mulher será salva da timidez que frequentemente a segura e o homem será curado de seu orgulho egocêntrico. Cada um se beneficiará do gosto de virtudes que até o momento foram reservadas para o sexo oposto.

Entretanto, essa cordialidade harmoniosa ainda não constitui o amor. O amor coloca cada um para o outro como um aliado, um ser igual, no seio da comunidade humana, assim como separa completamente e incomparavelmente cada um do outro. Juntos, os amantes encaram o mundo e o futuro, mas cada um está também surpreso ao ver um olhar cúmplice daqueles estimados olhos; não pode haver ninguém como o ser amado na vida, nem substituto na morte. É este amor que é a relação mais completa possível com outra pessoa: ver o outro em sua atividade impessoal e em sua realidade insubstituível; como construtor e como objeto; como tudo o que transcende a si mesmo e como criatura finita. Se a mulher se torna para o homem seu verdadeiro igual, ela não sentirá menos necessidade de estar deste modo maravilhosamente confirmada e confirmar com seu amor aquele cujo amor a coroa.

Como definimos aqui, tanto o amor pode ser platônico quanto sexual: é suficiente que a presença do amado seja revelada no que é único, contingente e pateticamente perecível; essa revelação pode acontecer de mais de um modo. No entanto, permanece o fato de que a atração sexual é o instrumento mais comum. É o desejo que mais frequentemente dá à presença física do amado seu valor sem igual. Por isso, seria perigoso para o futuro do amor se as mulheres, conforme progredirem em sua situação, estivessem por perder seu atrativo aos olhos dos homens. A essa altura os profetas da confusão gemem ainda mais alto: “A feminilidade se perderá, a feminilidade se perderá!”. Essa catástrofe tem sido anunciada como iminente por tanto tempo que nosso ceticismo é permitido: pode ser que a atração de um sexo pelo outro tenha causas mais profundas do que o farfalhar de uma anágua, do que a forma de uma bota. Eu acredito que o que há de fascinante no outro para cada um é a descoberta de um mundo humano como o seu próprio, mas *diferente*: o *outro* sexo tem a fascinação de um país exótico; ele é um tesouro, um Éden, simplesmente porque é diferente. E mais

uma vez neste ponto, os homens persistem em considerar essa diferença como outro aspecto da desigualdade; mas nada prova que isso não seja capaz de mudar. Os dois sexos podem se tornar iguais, aliados, sem abolir a distância entre eles que faz com que cada um seja desejável ao outro. Para dizer a verdade, não posso conceber como essa desejabilidade pode ser destruída, uma vez que o corpo e a sexualidade do homem e da mulher são diferentes, e portanto, diferentes em sua sensualidade, sua sensibilidade, sua relação com o mundo; e uma vez que a necessidade física que um tem pelo outro manterá sua mágica. Que consciência e liberdade devem encontrar encarnação em uma carne que é meu destino biológico – isso será sempre para mim, seja homem ou mulher, um milagre esmagador: talvez todo o mais admirável, do contrário, para todos os poderes espirituais – o pensamento, a vontade – que afirmam-se com brilho maior. O homem que manifesta essas virtudes entre a humanidade, parece nos olhos das mulheres estar contemplado com suas qualidades viris; pode ser que um dia as virtudes humanas das mulheres realçarão sua feminilidade aos olhos dos homens.

Opiniões seriam descuidadas neste ponto: o futuro não nos pertence. E é por isso que ninguém tem o direito de condenar o futuro em nome do presente. Em cada época houve aqueles que lamentassem o mundo do futuro simplesmente porque ele prometeu ser diferente do passado. Devemos evitar cair nessa armadilha: nossa falta de imaginação descredita, despovoando esses tempos que estão além de nosso conhecimento; mas há outros para os quais esses tempos serão um dia reais e certamente mais ricos do que desejamos supor. Sem dúvida há formas de sensibilidade que estão limitadas a desaparecer como aconteceu a tantas outras antes delas: mas outras nascerão. Ao invés de nos agarrarmos ao futuro ou repudiá-lo, não seria melhor ajudarmos a inventá-lo? Hoje, muitas mulheres rechaçam o amor porque ele evoca escravidões antigas e muitos homens recusam acreditar nisso porque não conhecem a antiga cara do amor. Deixemos homens e mulheres superarem sua desconfiança e eles encontrarão a possibilidade de restabelecer, na liberdade e na igualdade, o par humano.

Recebido em: 31/Out/2019 - **Aceito em:** 01/Dez/2019.